



PONTEVEDRA  
EM  
BARCELOS

BARCELOS

1971



B)  
08(469.12)  
OP



PONTEVEDRA  
EM  
BARCELOS



*Perm. Barcelona*

BARCELOS  
1971



5825

«PONTEVEDRA EM BARCELOS»  
é um texto redigido pelo  
cónego doutor ANTÓNIO DA COSTA LOPES,  
natural de Chorente (Barcelos),  
professor da Faculdade de Filosofia de Braga.

O revigoramento da amizade galaico-minhota ou, especificando mais, pontevedresa-barcelense não deve ser olhado como simples questão de platonismo ou protocolo: antes, há que ver nele uma exigência profunda, conatural aos povos de Aquém e Além-Minho.

Prová-lo... seria tão fácil, ou tão difícil, como demonstrar semelhanças óbvias entre gémeos... Fácil, porque as afinidades congénitas se impõem logo, manifestas, reveladoras; trabalhoso, porque estas, quanto mais se enumeram e descrevem, tanto mais reclamam estudo difícilmente exaustivo.

Em breve apontamento, eis aqui algumas, recolhidas quase à sorte. Confiamo-las à inteligência e, não menos, ao coração das gentes de Barcelos e Pontevedra.



Cite-se, em primeiro lugar, o próprio condicionamento geográfico das duas cidades, cuja natural semelhança ditou, em ambas, uma análoga configuração citadina.

Assim, uma e outra nasceram e cresceram ao pé do rio — do Lérez e do Cávado. Por isso mesmo, antigas pontes surgiram e se tornaram tão características da fisionomia de Pontevedra e Barcelos, que vieram a constituir parte essencial dos respectivos bra-



sões. No caso de Pontevedra, até o nome da cidade veio dessa circunstância.

Sempre as pontes foram tidas como elos de conexão entre os povos. Aqui, algo mais se verifica: são traços de verdadeira irmandade fisionómica.



Verdadeiro parentesco achamos, ainda, nas toponímias de ambas as terras, a acusar evidente comunidade étnica, nomeadamente de raízes latinas e germânicas.

Topónimos como *Franqueira*, *Gamil*, *Ginzo*, *Gondomar*, *Guilhade* ou *Guilhado*, *Lama*, *Moldes*, *Paradela*, *Pedra Furada*, *Pousa*, *Roriz*, *Vila Boa*, *Vila Cova*, *Vila Meã* e tantos outros, encontramos-os igualmente na província de Pontevedra e no concelho de Barcelos.

É este um facto de comprovada importância para o estudioso e, mais especialmente, para o historiador. Quem estas linhas escreve passou já, em vários estudos, por dificuldade semelhante à de distinguir gémeos muito parecidos... — exactamente por causa da irmandade toponímica das duas regiões.



A menção de *Franqueira* suscita uma outra observação, para além do aspecto toponímico. Na verdade, falar da *Franqueira*, em Barcelos como em Pontevedra, é citar elevações de terreno, situadas em ambos os casos na parte sul das respectivas terras, e em ambos os casos nimbadas e irmanadas pela característica de sítios

de oração: na Franqueira da Galiza, como na de Barcelos, tiveram religiosos seu convento; e, actualmente ainda, sob a mesma designação e invocação de Nossa Senhora da Franqueira, uma e outra continuam a ser pólos de atracção para multidões de devotos.

Aliás, quanto a romarias ou festas de motivo ou pretexto religioso — mariano ou outro —, rico e variado é o panorama de ambas as regiões. E, como em tantas outras coisas, também nisto o exemplo vem de cima — vem das próprias cidades capitais: as festas da Peregrina, em Pontevedra, e das Cruzes, em Barcelos, são, no género, acontecimentos anuais de primeira ordem, que interessam forasteiros de perto e de longe, nacionais e estrangeiros.



Falando de semelhanças no modo de sentir e de estar no mundo, muito a propósito viria uma referênciã aos mais ilustres filhos das duas terras, ou seja, àqueles que mais sobressaíram no culto da Verdade, do Bem e do Belo. Não cabendo, porém, neste breve apontamento, a simples menção de tantos e tão ilustres nomes, citar-se-ão, apenas e a título simbólico, duas figuras verdadeiramente representativas do parentesco espiritual barcelense-pontevedrês: D. João Garcia de Guilhade e D. Paio Gomes Charinho:

Contemporâneos e — tudo leva a crer — conhecidos um do outro, oriundo de Pontevedra o segundo, e de Barcelos o primeiro, militares ambos (Guilhade foi cavaleiro, e Charinho almirante), ambos peregrinaram por distantes regiões da Península. Mas o pormenor que mais interessa aqui salientar é que, tendo



sido, um e outro, notáveis poetas do século XIII, bem representados nos *Cancioneiros*, ambos traduziram seu apaixonado viver no mesmo idioma galaico-português.



A propósito, e mesmo que o não tivessem já dito Schiller e Fichte, notemos que a língua é o espelho de uma nação, é a alma de um povo. Assim sendo, ela — a língua — constitui, naturalmente, privilegiada expressão da anímica afinidade entre duas terras. E assim é que o delicioso idioma dos *Cancioneiros* medievais, continuado no português de hoje, ainda agora está longe de ser língua morta na Galiza e, particularmente, na região de Pontevedra.

Tudo isto nos mostram, por exemplo, os *cancioneiros* populares de Pontevedra e Barcelos: quem os folheie, logo encontra irmandade linguística, paralelismo dos temas e análoga feitura, em quadras como estas:

*Anque vou a Pontevedra,  
non vou por ver os soldados:  
vou a ver a Pelegrina,  
a dos pendentos dourados.*

*Os de Braga têm chieira,  
por lá ter o Bom Jesus;  
nós, que somos de Barcelos,  
temos o Senhor da Cruz.*



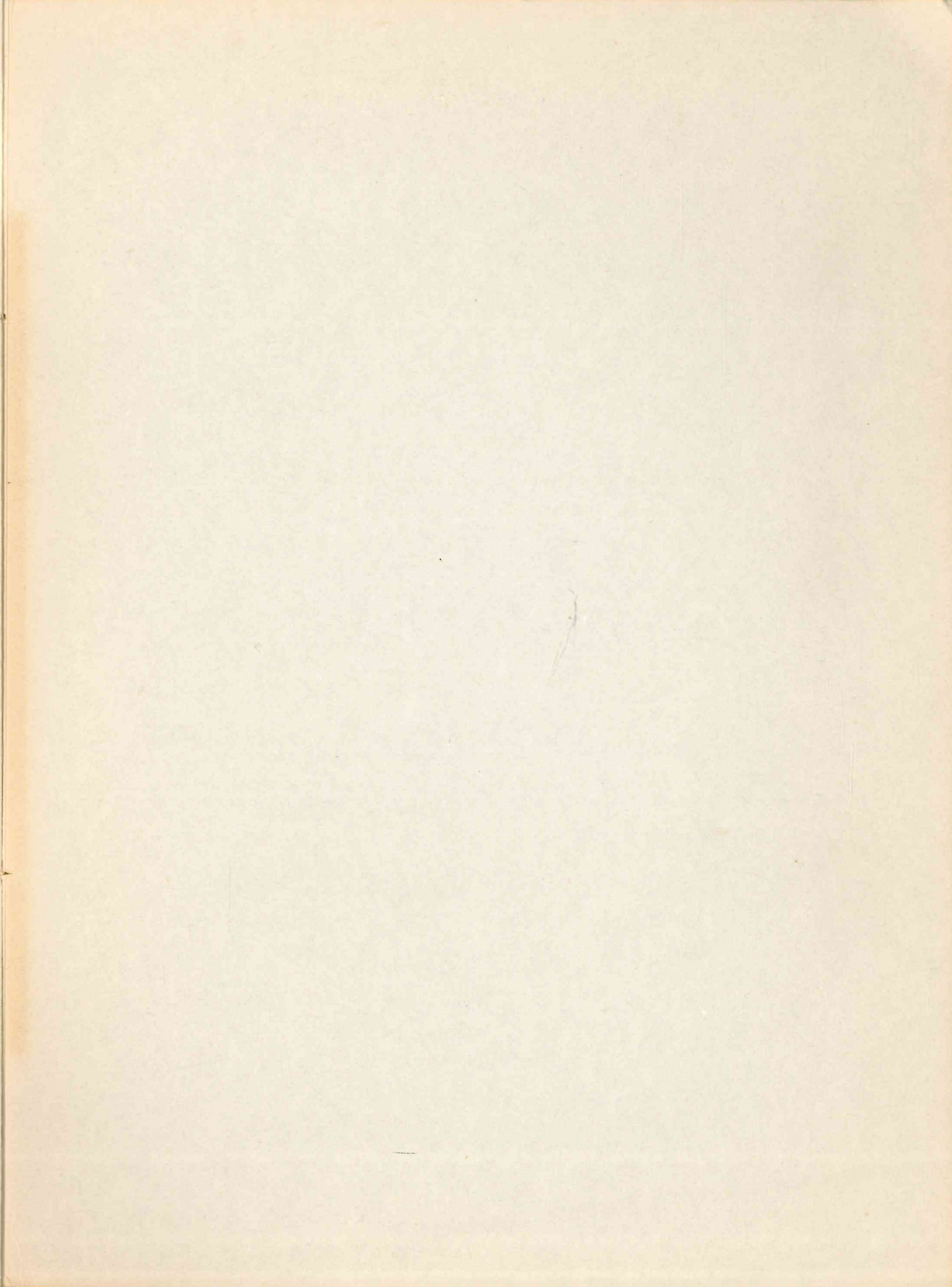


Decididamente voltadas para um futuro promissor, Barcelos e Pontevedra sentem-se como realmente são: terras irmãs. Por isso mesmo, nestes tempos de conflitos e guerras amiúde fratricidas, querem marchar lado a lado, em germana amicícia.

Sublinhando esta humana e cristã fraternidade, quis Pontevedra, em 1970, dar a uma de suas praças o nome de Barcelos. É agora, em 1971, a vez de Barcelos: com a nova Praça de Pontevedra, a Cidade do Cávado vê ainda mais nobilitada a sua toponímia, revê-se na prestigiosa Urbe do Lérez.







biblioteca  
municipal  
barcelos



28929

Pontevedra em Barcelos